

A TEIA DA INFORMAÇÃO *

por *Isa Maria Freire*

A teia mundial da informação é o objeto das reflexões do sociólogo Manuel Castells, que refraseia MacLuhan para expressar as possibilidades de comunicação na Galáxia da Internet: "a rede é a mensagem". A relevância da Internet para a sociedade contemporânea seria tal que ele a define como "o tecido de nossas vidas", especialmente por constituir a urdidura tecnológica para "a forma organizacional da Era da Informação: a rede".

Castells ressalta que durante a maior parte da história humana "as redes foram suplantadas como ferramentas de [organização]. Agora, [...] a introdução da informação e das tecnologias de comunicação baseadas no computador [...] permite às redes exercer sua flexibilidade e adaptabilidade, e afirmar assim sua natureza revolucionária". Para ele, a emergência da Internet seria decorrente da reunião, nas últimas décadas do século XX, de três processos até então independentes: as exigências da economia por flexibilização administrativa e globalização "do capital, da produção e do comércio"; as demandas da sociedade, baseadas em valores de liberdade individual e livre comunicação; e os "avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica". Quando a web se instalou, em meados da década de 1990, "milhões de usuários levaram para a Net suas inovações sociais" e deram uma contribuição decisiva para a configuração e evolução da Internet, especialmente na formação de comunidades virtuais e no estabelecimento dos valores de uma cibercultura.

Entretanto, o uso da Internet tornou-se extremamente diferenciado em termos territoriais, "em conformidade com a distribuição desigual de infra-estrutura tecnológica, riqueza e educação no planeta [e] dentro dos países, há também grandes diferenças". Nesse processo, a diferenciação entre os que têm e os que não têm Internet acrescenta uma nova forma de desigualdade e exclusão social às já existentes, a "divisão digital".

Castells indaga se "pessoas e países tornam-se excluídos por estarem desconectados de redes baseadas na Internet" ou se, dito de outra forma, por estarem conectados tornam-se "dependentes de economias e culturas, numa relação em que têm pouca chance de encontrar seu próprio caminho de bem-estar material e identidade cultural"? Ele nos convida a ir além das dimensões mais óbvias da divisão digital: "se há um consenso acerca das conseqüências sociais do maior acesso à informação é que a educação e o aprendizado permanente tornam-se recursos essenciais para o bom desempenho no trabalho e o desenvolvimento pessoal".

De qualquer modo, segundo ele, o resultado cumulativo dessas diferentes camadas de desigualdade irá se traduzir na ampliação das diferenças nos efeitos do uso da Internet sobre o desempenho educacional. E embora estudos sobre essa problemática ainda sejam raros, não permitindo conclusões definitivas, estaríamos correndo o risco de que, "na ausência de medidas corretivas, o uso da Internet, tanto na escola quanto na vida profissional, [venha a] ampliar as diferenças sociais enraizadas em classe, educação, gênero e etnia". Pois a Internet não é apenas uma tecnologia, mas

também "uma forma organizacional que distribui informação, poder, geração de conhecimento e capacidade de interconexão em todas as esferas de atividade".

Castells encerra suas reflexões falando sobre os desafios da "sociedade de rede", uma nova forma social que está se constituindo em nível mundial, trazendo conseqüências imprevisíveis para a vida das pessoas, dependendo de sua história, cultura e instituições:

Como em casos anteriores de mudança estrutural, as oportunidades que essa transformação oferece são tão numerosas quanto os desafios que suscita. Seu resultado futuro permanece em grande parte indeterminado, e ela está sujeita à dinâmica contraditória entre nosso lado sombrio e nossas fontes de esperança. Isto é, à perene oposição entre tentativas renovadas de dominação e exploração e a defesa, pelas pessoas, de seu direito de viver e de buscar o sentido da vida.

Nesse sentido, alerta que embora ainda não saibamos o bastante sobre as dimensões sociais e econômicas da Internet, "sabemos [que] a melhoria de nossa condição dependerá do que as pessoas fizerem, inclusive você e eu". Mas, a meu ver, não depende apenas de nossa ação no mundo mas, especialmente, da nossa conscientização sobre o poder transformador da informação.

E aqui se revela o objetivo deste comentário: retomar a questão da responsabilidade social dos profissionais da informação na sociedade contemporânea. Por sua vez, essa questão remete à aposta de Goldmann na capacidade dos indivíduos construírem uma verdadeira comunidade humana no futuro, fundamentando minha própria reflexão sobre nosso papel na Sociedade da Informação: facilitar a comunicação do conhecimento. (Cf. FREIRE, I.M. *A responsabilidade social da Ciência da Informação e/ou O olhar da consciência possível sobre o campo científico*. Em <http://www.isafreire.pro.br/>).

Certamente esta é uma parte que nos cabe na tarefa coletiva de construir uma "sociedade em rede" democrática e justa: transportar, nas *asas da informação*, o conhecimento para todos aqueles que dele necessitem, no processo social (e vital) de transformar sonhos em realidade.

* Uma leitura de CASTELLS, M. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. 243p.